DP
540
.T7

Class LP540

Book .J7

Class _____

Book _____

GONÇALO ANNES BANDARR

Portuguez.

Vivco pelos annos de 1556.

Trovas

Inedìtas de Bandarra

Natural da Villa de Francoza.

Que exestião em poder de Pacheco Comtemporaneo de Bandarra e que se lhe achàrão depois de sua morte.

Londres.
MDCCCXV.

DP540
.T7

366768
28

AMR 162

Introduçaõ.

Com grande satisfaçaõ recebérão, todos os Portuguezes, assas Cinceros, e prudentes, as trovas de Gonçallo Annes Bandarra, impressas em Barcellona em 1809 sobre a edição de Nantes de 1644. Juntandose, a esta ediçaõ outras, trovas que nunca se tinhão impreço pella defficuldade que havia de se naõ acharem.

Ficando porem ainda o ardente dezejo em muitas pessoas de verem impresso o resto (de que havia notìcia de sua existencia) de todas as trovas de Bandarra; porquè como este hia profetizando, em diverços tempos duraute a sua vida; igualmente por este motivo, apareciáo em diverços tempos, e lugares, e em poder de algumas pessoas, como se vio (por exemplo) na edição de Nantes de 1644 naõ se imprimírão senão, aquellas trovas, por que não aparecerão as que se imprimirão, em Barcelona em 1809 (que fazem a 2ª e 3ª parte des ta obra) as quaes são, as que se achárão em poder do Cardeal Nuno da Cunha, e as que tinha o Comissário do Santo officio Domingos Furtado de Mendonça: e agora depois que se fez a edição acima ditta de 1809, se acharão na livra-

ria do Exmo Sñr..... (omito o seo nome por motivos particulares) em manuscrito muito antigo! todas as profecias de Baudarra, não só as que se achão jà impressas, nas duas ediçoens que jà dicemos, mas tãobem as trovas de que havia noticia, que tinhão ficàdo em poder de Pacheco, amigo, e comtemporaneo de Bandarra, que mereceo a este tanto conceito, que foi digno de responder a quelle às perguntas que lhe fazia, cujas respostas que Bandarra fez a Pacheco são as que se achão na edição de Barcelona de 1809 des de paginas 60, até, 66. e como esta obra estava imcompleta, e pella sua natureza merece muita reflexão a todas as pessoas discretas e assas prudentes; a rogos destes pois hé que me determinei a mandar impremir, as trovas que o dito Pacheco

tinha em seo poder, ficando desta sorte completa a edição desta obra toda, de que hà noticia que Bandarra profetizou, assim como tãobem, completos os ardentes dezejos de todos os Portuguezes Ficis, Cinceros, e Honrados, como eu que me prézo deser hum. —

Leal Portuguez.

Quarta parte das Trovas de Bandarra.

1.

Os tempos com crueldade
Começar-se hão a mover,
Se me não engana a verdade
Ali perderão seo ser
No meio de certa idade.

2.

Virà gozando de paz
Aquelle pastor valente,
Hum lobo que guerra faz
Moverà toda a gente
Com huma limgua sagaz.

3.

Logo nas mãos o pastor
Seu cajádo tomarà,
Sem mostrar nenhum temor
Contra os lobos qne achará
Revestidos de rigor.

4.

Nelles fará tal destroço
Que será couza de espanto,
Como bravo Touro em cosso
Logo perde tudo quanto
Tinha como partor moço.

5.

Jà vejo que se desterra
Este pastor sem ventura,
Da patria rebanho, e terra
A huma larga Sepultura
De huma frondoza serra.

6.

O manço gàdo que em páz
Pella ribeira regia,
Jà desgovernàdo traz
Triste sò sem companhia,
Que hum mào concelho faz.

7.

E logo outro pastor
Do pouco gado que achár,
Serà absoluto Senhor,
E serà em quanto durar
A fortuna, e seo rigor.

8.

Serà pastor estrangeiro
O que reja o manço gado
Que taõ bravo foi primeiro
Mas ai que falta o malhado
Que era o principal Carneiro.

9.

De pois que por tempo largo
Este pastor governar
A este rebanho amargo,
Outra vez hà de tornar
A ter o que tinha o cargo.

10.

Haverà novos sinaes
Da parte deste pastor,
Thé os mesmos anímaes
Por seu natural Senhor
Darão suspiros, e ais.

11.

Tornarà a quebràda linha
No Cábo de serta idade,
A en cher-se como pinha,
E descubrirà a verdade
Do que encuberto tinha.

12.

Sem pena que damno faça
Tornarà pella ribeira
Pastar o gado na praça,
Por ultima, e derradeira
Dos fados Supréma traça.

13.

Tornarei a recolher
Esta ovelha perdida
A patria que lhe deu ser,
E porei por ella a vida
Sem nunca des falecer.

14.

Entaõ não me mudarei
Pois conheceis que sou vosso,
Minha ovelha estimarei
Pois de outro modo não posso
Alma, e vida lhe darei.

15.

Haverà em triste Cidade
Grande fome peste, e guerra,
Que a Escritura a não erra
Que em tudo falla verdade.

16.

De longas terras virão
Dois Leoens mui asanhádos
Hum de Cruz, e outro não
Vingarão males paçador.

17.

Serão à força da espada
Destruidas mil provincias,
Na Luzitania assollada
Terão fim roubos, e malicias.

18.

Na era de quarenta, é hum
De Janeiro por diante,
Darà fio ao seo montante
Aparelhece cada hum.

19.

O nosso Christianismo
Nossa grande Obrigação,
Não temos mais de Christão,
Do que o nome do Baptismo.

20.

Fazemos dos dias noites
Vivendo como agrestes,
Haverà castigo, e açoutes
Cada qual se faça prestes.

21.

Espantozos movimentos
Havemos cedo dever,
E antes de muitos tempos
Ha de isto de acontecer.

22.

Não haverà em Hespanha
Lugar preveligiado,
Tudo serà assollado
Dessa gente de Alemanha.

23.

Todos os lugares planos
Por terra serão prostrados,
Muitos males, muitos damnos
Haverà pellos peceádos.

24.

As Serras se habitarão
Eos Oiteiros mais altos,
Muitas Gentes sahirão
Outros andarão em Saltos.

25.

Andarão como pasmados
Chorando pellos caminhos,
De suas terras lançados
De parentes, evesinhos.

26.

Então não haverà amigos
Nem pay que por filho seja,
O mais seguro abrigo
Serà acolherse à Igreja.

27.

Nesses tempos os meninos
Ainda que innocentes,
Terão tãobem accidentes
Muito fora dos Caminhos.

28.

Haverà peregrinaçoens
Mortes sem conto de dura,
Males fogos devisoens
Só Deos lhe póde dar cura.

29.

Ha de ser Rey quem fôr
Que em Deos está o saber
O bom, o São, o melhor
Só elle o sá de escolher.

30.

Por particular enteresse
Tem chegado o mundo atanto,
Triste do que lhe parece
Que háde bastar falçomanto.

31.

Os póvos hão de alintar
As culpas dos seos Monarchas,
Que sem nenhum estudar
São Letràdos, e Patriarchas.

32.

Nos Ceos haverà sinaes
Na Terra não faltarão,
Tormentos pennas, e ais
Que aos Ceos penetrarão.

33.

E depois do Leão morto
Não sem falta de mistério,
Aportarà neste porto
Outro com maior Império.

34.

Entrarà com companheiro
Na terra dos Luzitannos,
Cada qual bom Cavalleiro
Destruirão os Arriannos.

35.

Tempos traz tempos virão
Que os Grandes serão baixàdos
Os pequennos exaltádos
Povo, e Rey governarão.

36.

E depois de tantos males
Fomes, pestes devisoens,
Cheios os montes, e Valles
De tristes peregrinaçõens.

37.

Tornarà o Redemptor
A olhar por seo rebanho,
E telloha com muito amanho
Como bom Rey e Senhor.

38.

Escaparà pouca gente
De tão perigoza dança,
Virà tempo de bonança
Quem viver serà contente.

39.

Vejo vir grandes baleias
Pella cofta de Biscaya
Gaia gaia da vezinha praya
Que lhe tingem as areias.

40.

Eis là contra a Norúega
Raios, Cavallos, Golfinhos,
Com què preça que navega
Tanta Cópia de Marinhos.

41.

Vejo milhoens de Relampagos
Trovoens que rompem os ceos
Nuvems de mui grandes véos
Coriscos grandes expantos.

42.

Que mancebo tão formozo
Dà Luz a todo o Emisfério,
Rosto mui digno de Império
Forte, fero, e graciozo.

43.

Iá por força toma a Seora
Cercàdo de Leoens bravos,
Oh que unhas dentes quebrádos
Teme, e treme toda a terra.

44.

Mil rapozas vão diante
Buscando grutas, e côvàs,
A Lebres, Coelhos dão novas
Que fujão de tal semblante.

45.

Deseançame a vista vendo
Hirse o tempo já chegando,
E estarse a Alma alegrando
Com o que vejo, e entendo.

46.

Venha embora o Leão forte
De tantos accompauhádo,
Que affirmão, e tem jurado
Que em que lhe custe a morte
O hão de ver coroado.

47.

Que grandes arribaçoens
São Atums, ou são Sardinhos,
Maiores são que Barquinhas
São Náos, boms Galioens.

48.

Parece que seo caminho
Hé direito a Portugal
Ai se eu mal não advinho
Não vão carregar de Sal.

49.

Que rostos, corpos, e armas,
Quanto fogo, e quanto asso,
No rosto gente do Passo
E Soldados nas Bisarmas.

50.

Ora quero-lhe dizer
Esta eà occupáda a Terra,
Mas poderão responder
Se hé gente de paz, ou guerra.

51.

Hé gente que em si encerra
E a quillo que diz não faz,
Diz guerra, ordena páz
Pergoa paz, e faz guerra.

52.

O Seo Rey quer ser Monarcha
E toda a Terra pertende,
Tudo abrange, e tudo abarca
E do díreito não pende.

53.

Vinde eà Rey Soberanuo
Quero vos dezenganar,
Lembro-vos que sois humanno
E que tudo hade acabar.

54.

E que na postreira hora
Quando o mal jà estiver feito,
Então possa ser desfeito
Treme olma, e emvão chora.

55.

Lembre vos o que aconteceo
A Tholedo com o pay
Que jà cada hum là vay
E não sei qual pa. o ceo.

56.

Quereis vòs a Portugal
Sendo elle nome macho
Aiuda mal por que lhe acho
Muita fémea, e pouco Sal.

57.

Se quizerdes por direito
Deixarse há elle torcer,
Mas forçado hé máo geito
Para se deixar vencer.

58.

Vejo vosso damno perto
Hireis perdendo o reynádo
Etão bem tende por certo
Morrerdes desconsolado

59.

Luzitanna hé chamãda
A Dama que dezejaés,
Ella hé dantes despozada
Perseguilla hé por demais

60.

Ainda que em caza tem
De Ulices tantos povos,
Hir-se hão como os porcos
Ante o Leão que vem.

61.

Esta profecìa hè bella
Mui certa e verdadeira,
Quem tiver boa terceira
Gozarà a Sabia Donzella.

Fim da quarta parte.

Quinta parte das Trovas de Bandarra.

1.

Quando de noite me ponho
A dormir sem me benzer,
Tudo o que hade acuceder
Se me representa em Sonho.

2.

Sempre mandei esrever
Aquillo que me lembrou,
Porque a memoria a postou
De tudo se esquecer.

3.

Nas Trovas que tinha feito
Muito hà que conciderar,
Como o seo tempo chegar
Se vera o meo conceito.

4.

Sempre por thezoiras faço
As minhas contas mui certas,
Portas que hão de estar abertas
Não são boas para o paço.

5.

Eu naõ sou Profeta inteiro
E menos na minha terra,
Mas vejo vir pella Serra
Atraz de hum Lobo hum Cordeiro.

6.

O Sol pello meio dia
Faz o effeito de Geada,
Vejo partir huma armáda
Corregáda de agua fria.

7.

Huma grande tempestade
Com o céo muiclaro, e Serenno,
Farà hum hommem moreno
Com rezão mas sem piedade.

8.

A minha trepeça tem
Trez péz mui bem seguros,
Vejo frabricar hums muros
Mas eu naõ sei para quem.

9.

Quem muitos annos durar
Hade ver conzas indignas,
Tocar-se haõ muitas bozinas
Por hommems peixes do már.

10.

Todo o mundo grita, e berra
Cada qual no seo officio,
Pois antes que hum beneficio,
Querem, peste, fome, e guerra.

11.

Quando furo com a Suvella
Coiro groço, e Macio,
Vejo prender no Rocio
Quaze toda a parentella.

12.

Eu tenho medo da morte
Como couza superior,
O Presbitero maior
Naã hade tornar à Corte.

13.

Annos hãode vir à terra
Emque por nossos peccados,
Nas cazas fiquem os gados
As gentes vivaõ na Serra.

14.

Sempre como os meos feijoeñs
Quando vem bem temperados,
Vejo no templo os Copados
No Cural os Cappellaens.

15.

Son Sapateiro, mas Nobre
Com mui pouco Cabedal,
Etu triste Portugal
Quando mais rico, mais pobre.

16.

O (A) que ponho às avessas
Com a perna atraz levantáda,
Hàde ter a mão armàda
Para degollar Cabeças.

17.

Quando a terra dos Falcoens
Certa erva produzir,
Creio se hàde conceguir
O deitar fóra as Lezoens.

18.

De hum brazeiro mui acezo
Dandolhe o vento ligeiro,
Se hàde forman hum pinheiro
Sem ter medida, nem pezo.

19.

O Carro que vai chiando
Por hir muito carregàdo,
Sim mostra o jugo pezado
Mas naõ tira pezo andando.

20.

A Horteta na Panella
Dizem que lhe dà bom gosto,
Essa mulher de bom rosto
Naõ ouço rusnar bemdella.

21.

Hespanha muito medroza
A Europa muito enfadada,
Huma mulher de almofada
Sabe como huma rapoza.

22.

As linhas comque cozia
Jà naõ como as de agora,
Temo que se deite fóra
Quem Souber a Ave Maria.

23.

Na era que eu tenho ditto
Nas Thezoiras levantadas,
Se haõde ver muitas jornàdas
A' custa do Saõ Benito.

24.

Naõ pode haver couza boa
Aonde Habita o mal Francez,
Temo o polho Portuguez
Em poder de huma Leoa.

25.

Quando o Leaõ Hispanhol
Vier quase a Portugal,
Háde ser o nosso mal
Querer luzir como o Sol.

26.

Quando a neve como braza
Todas as plantas queimar,
Dous quiutos se haõ de ajuntar
Sem haver jogo na caza.

27.

Em hum lugar mais ameno
Cercados de mares groços,
Vive por peccados nossos
Quem se sustenta com feno.

28.

Sempre vem de monte, a monte
As agoas das enxorradas,
E vejo testas coroadas
Sentadas sobre huma ponte.

29.

Quando tiverem por certo
Perdida toda a esperança,
Portugal terá bonança
Na vinda do Encuberto.

30.

Vejo vir pello mar largo
Como quem vem para dentro,
Hum hommem buscar seo centro
Depois de hum grande lethargo.

31.

Quando me matar S. Jorge
E Marcos me reçuscitar,
Saõ Joaõ me exaltar
Faça todo o mundo alforge.

32.

Os pez da minha trepéça
Conta trez vezes areio,
Ajuntalhe dous, e meio
Dizelhe que apareça.

33.

Naõ podeis fazer queixume
De deixar o vosso lár,
Que se do norte ventar
Do Sul vos virà o lume.

34.

Vejo a grifa parideira
Juntada com huma Serpente,
E vejo que muita gente
Tem disto grande caneeira.

35.

Vejo o Leaõ. e a Serpente
Atraz da gente goleima,
Grita o gallo que ateima
Com o Lobo que tem diante.

36.

Já vejo grande mofina
No porqueiro de Sequem,
Que o gado todo está bem
Com o Ovilheiro de Dina.

37.

Vejo a Lua ensanguentada
Pella virtude do Encubarto,
Se está longe, ou se perto
Assim o diz a toada.

38.

Là vem por sima do már
Hum Cavallo de madeira,
Que farà n'huma poeira
O porco que hàde grunhar.

39.

Vijo pedras ajuntar
Là muito perto da Lua
Vejo subir de huma, e huma
E nellas o Sol entrar.

40.

Vejo pello meo Telhado
No Ceo grande resplendor,
Se hé alegria, ou temer
Esdras o tem declarádo.

41.

Vejo o Almocreve tomar
As Alamanhas antigas,
Vejo nascer das ortigas
A remente là do mar

42.

Là donde o Sol vem nascendo
Hum Dragaõ vejo vir vindo,
A seo Cabo vem correndo
Mais bichos que o vem seguindo.

43.

O primeiro depois do quinto
Filho d'Aguia levantada,
Ha le estender sua Espàda
Sobre a Galia faminto.

44.

Vejo sahiras Gaivotas
De dentro do nosso Tejo,
Taõbem parece que vejo
As duas por ellas rotas.

45.

Sonho que rebentaõ fontes
Da terra da Promiçaõ,
E que os Gallos de Siaõ
Vaõ fugindo até os montes.

46.

Naõ canta o Gallo com penna
Asaguias charaõ mofina,
A serpente encrespa a clina
Porque Deos assim o ordenna.

47.

Faremos dos dias noites
Vivendo como agrestes,
Havarà castigo, eaçoutes
Cada hum sefaça prestes.

Fim da quinta parte.

Sexta parte das Trovas de Bandarra.

1.

Sonhei que via hum fumo,
Com grande força sahir,
E deixando de Subir,
Hum altar vi no escuro:
Formava taõ forte muro,
Que estava o Altar cuberto;
Vi a hostia naõ mui perto,
Do tal Altar arredada:
Huma cára sublimáda,
Em ella vi por mais certo.

2.

Pareceme que erescia,
Quem assim o figurava:
Taõbem sonhei me pegava,
Quem mulher me parecia:
E que com voz me dezia,
Anda ver a terra nova,
Pella maõ levou-me à cova,
Levava bello vestido,
Ai nuvems eu fui subido,
Onde vi a gente toda.

3.

Negra, e amolatáda,
Logo à terra baldeando,
Arespiraçaõ faltando
Eu daqui já naõ quis nada,
Para a terra de paneada
Me trouxe a tal mulher,
Athé alcancei dizer
Vou segunda vez à terra,
Logo vinha resta era
E tornava a aparecer.

4.

Parecia a meo ver
Nova Igreja figurada,
Por hereges desterráda,
Na quella terra a tremer,
Quem Herege quizer ser
Ficarà negro, ou molato,
E terà todo o máo trato
Por fugir da boa Ley,
No Inferno sua grey
Para tràz darà o Salto.

5.

Taõbem sonhei que a nuvem
Cobria a gram redondeza,
Mui medonha, e espeça
Taõbem raios que dertroem,
A quem a falça Ley tem,
E depois vi aclarar
Com hum claraõ singular,
Em dia de huma Senhora
Em fe seguinte boa hora
Seu nascimento sempár.

6.

Em sonhos vi grorde armáda
Ea Lua, em rosso Tejo,
Ficandolhe o Sol por baixo
De huma Torre armáda,
Moiros tiveraõ entráda
Pella terra de christaõs,
Na Igreia vi estes máos
Hum exercito Francez,
Taõbem entrou destavez
Accompanhádo dos Máos.

7.

Pella terra veio entrando
Athé se perder de vista,
Com grande préça, e cobiça
Toda a vinhaõ derrotando,
Taõbem os Moinos chegando
Com grande astucia, e préça,
Vinhaã buscando a Cabeça
A huma Cidade Real
Pouco cuida Portugal,
Em o mal que lhe aconteça.

8.

Parece que estou ouvindo
Nesse mar a gran tormenta
Antes que chegue os Setenta,
Caxas, Ballas, barberinhos
Entaõ hé que virà vindo
O Grande pastor Geral,
Acudir a taõ graõ mal,
Dando às Ovelhas sustento
E taõbem o Sacramento
Viva o nosso Portugal.

9.

Poucos tempos paçarão
Segundo as Profrecias,
Em os Sinaes destes dias
Outros que cedo virão
Huma Gran tribulaçaõ,
Mas ao depois verà
A volta que tudo dà,
Chegando logo a vencer
No mundo todo o poder
Na Igreja ficarà.

10.

Em todas reste tuida
Com maior veneraçaõ,
Só nella tem o Christaõ,
Gloria na eterna vida
Mas ai que a vejo cahida
Que primeiro vem chegando
Os boms largaudo o mundo,
Outros morrendo à preça
Outros perdem a Cabeça,
Muitos disso vão folgando.

11.

Tanto Sangue pello campo
E tanto morrer na rua,
Tantos deixaõ vida sua
Por guardar o nome Santo,
Nem da mulher o manto
Terà respeito ou favor,
Jà nenhum lhe tem amor
A essa profanna vaidade,
Quando virem a Cidade
Posta uo maior horror.

12.

Jà de França serà ferto
Quem à França quiz andar
Nunca mais andem trajar,
Tomàra naõ ter o fato:
Paga o povo por ingrato
O desprezo que tem feito,
Da Patria do minho aceito
Dando rédias aõ profanno
Teraõ o seo desenganno,
Com o Vestir mais perfeito.

13.

Com Sangue, Boubo, e Deshonra
Com mortes, e Vitupérios,
Fomes doenças, e Guerras,
Querendo acabar a terra
Com mui grande alarido,
Todos ficaraõ com sentido
Com o mal naõ esperado
Serà prezo o Diabo
Porque entaõ tudo hé acabádo
Eo morto serà vivo.

14.

Era taõbem logo chega
Que a todos de asento,
Serà fim este tormeuto,
Quem com bonança navéga
Entaõ armáda mais féra,
Livranos do Inemigo,
Com bom valor, e abrigo
O Beato Saõ Joaõ
Em seo dia nos dà amaõ,
Eo Incoberto vivo.

15.

Quem destruir os do Norte
Eos Moiros deitar fora,
Matandolhe a gente toda
Em Cacilhas forà côrte
Lá vereis ò estandarte
Coni as quinas aconado
E emtaõ vereis mostràdo
Em sima o bom Jezus,
E taõbem a Santa Cruz
Para vencer o Diabo.

16.

Veremos o mar vermelho
Sem hir a Jerusalem,
A qui veraõ os que tem
Tomádo o meo concelho,
Em si proprio o espelho,
Muito Sangue em si correndo
Mas quem fôr obedecendo,
Passarà sobre o mar
Sem que precize nadar,
Verà o maior portento.

17.

Em Cassilhas a Bandeira
Com estandarte Real,
Logo Hereges por seo mal,
A morte tem de Carreira
Terà este na Simeira
Hum Csristo erucificádo,
Verà o povo malvado
O quaõ cego tem vivido,
Em terem perceguido
Ea muitos marterizádo.

18.

O Moiro, Tureo, Francez
Naõ poderaõ fugir todos,
Porque muitos seraõ mortos
As maõs do bom portuguez,
Là levarao desta vez
Novas aos seus que contar,
Quando virem em portugal
O Encuberto declarado,
Castigando todo o estrago
Que elles vieraõ cauzar.

19.

Nenhum remedio lhe sinto
O Naõ vireá melhor fôra,
Venha sem em boa hora
Quem ao lobo faminto,
Lhe ponha em sangue tinto
Por essas ruàs no chaõ,
Bandeiras em confucaõ
Flores, Barretes, e Capas
Deste bom Rey nada escapa,
Viva o Graõ Sebastaõ.

20.

Sonhei que via vencer
As quatro partes do mundo,
E que Portugal a tudo
Hia dando que fazer,
E taõbem fazendo ever
O Evangelho, e a Cruz
Ao povo falto de luz,
Sacramento eterno dia
Taobem a Virgem Maria
Todos com o bom Jezus.

21.

Sonhei que o Sacramento
Em todo o mundo em redondo,
Já das almat serà dono
Isto maior portento,
Taõbem graõ contentamento,
Em ver os Reys me cauzou
Que na geraçaõ dotou,
Lá de Affonço o primeiro
Thé trinta o derradeiro,
Onde o primeiro acabou.

22.

Por humgrande oppozitor
Depois da linha acabada,
Este farà derrotada,
A Igreja com horror,
A' besta mete pavor
Em trez, e meio de dura
Tanta gente à Sepultura,
O Martir glorìozo
Por fugir do tenebrozo,
A seguir a Virgem pura.

23.

Por mil, eduzentos annos
A Igreja reinarà,
Jà todo o Christaõ serà
Vivendo como irmaõs,
Nem trapaças nem enganos
Debaixo de huma cabeça,
No seo Império, e pastor,
Por Sebastiaõ Senhor
A quem tudo obedeça
Com Zelo, e grande amor.

24.

Este Rey de Deos guardado
Para limpeza do mundo,
De talsorte porà tudo
Que deos seja venerade,
Em portugal exaltàdo
De pequeno graõ Senhor,
Os maìs todos com Pavor
Logo o haode coroar,
Por Imperador sempór
Ao depois do Creador.

25.

Sonhei que via descer
Hum Anjo em huma nuvem
Mostrando que jà destroe
Quem Herege quizer ser,
Daqui vem a entender
Pella voz que lhe ouvi
E com furor disse assim,
"Morra o Blasfemador
"De Ley do bom Redemptor,
"O Prencipio desde aqui.

26.

Taõbem a Lua correndo
Sonhei que avia vir
Por trez vezes a cahir,
E Portugal perecendo
A isto o que euentendo
Que figura muito moiro,
Viudo a buscar o oiro,
E mais riqueza notoria
Fazendo perder a gloria,
A quem delle foz thezoiro.

27.

Quantos destes vaõ roubando
Aì quando virem chegar,
Muitas Náos em este mar
E gente em terra botando
Entaõ ouviraõ o bando,
Mata, fere, e degolla,
Ficando a gente tolla
Tao tella, como pasmàda
Ea terra derrotáda
Perceguida a toda a hora.

28.

Morem, e ficaõ Catholicos,
Hums morrem, outros pelejaõ
Outros depreça despejaõ,
O melhor que guardaõ vivos,
Jà fallaõ Leaes amigos
A imgratidaõ sobeja,
E algums comgrande inveja,
Sò cuidaõ em bem furtar,
Nenhum yuer a tuvar
O Mal que tanto sobeja.

29.

Nenhum vemidio se sente
Sem ter meio de Apellar
Nem na terra, nem no Mar,
Vendo prêza maior gente
Omais alto delinquente,
Naõ ficarà sem castigo
Quem muito prende taobem
Serà prezo, e cativo,
Pezarlhe há de servivo
Estando só sem nímguem.

30.

Nas armas pèga a mulher
Taõbem entra em Corcelho,
Entao acode o bom Valho
Sebastiaõ hàdeser,
E tudo em seo poder
Ficarà com graõ limpeza
Ou Magestade, Alteza
Ben livras do Cativeiro
Lobo se torna, em Cordeiro
Em paga da tal Fineza.

31.

Contra graõ Senhor se ergue
Com furia, Asturia, e Manha,
Esparta, forte, Companha,
De seo maior mal lhe serve,
Taõbem quem ajuda perde
Houra, fazenda, e Vida,
Depois de no mar vencida
E na terra maioé risco,
Sepultàdo no abismo
De todo serà perdida.

32.

Perde Braga, vence o Porto
E todas seraõ entràdas,
Em o fogo das pancadas
Em Bahia grar dectroço,
De Lagos fica bem pouco
Lisboa já hé Senhora,
De cativa deffençora
Da Ley que haõde guardar,
Os que se querem salvar
E morrer em boa hora.

33.

Viva o grande Portugal
Todos saltaõ de contentes,
Mulheres com seos parentes
Ficaõ livres do graõ mal,
Veja agora cada qual
De que sorte poem a vida,
No levantar da cahida
Tem o vemido namaõ,
Quem cúidar em bom Christaõ
Sua alma serà subida.

34.

E todo o mundo sugeito
A esta naçaõ portugueza,
Por aquella grande Alteza
Que Christo tem em seo peito,
Por lhe ser o mais aceito
Na Fé, Constancia, e Valor,
Peregrimo, e Senhor
Gram trabalhos padecendo,
Em fortaleza padecendo
Em o mundo grão valor.

35.

Em humildade, e esperança
A maior que jà se vio,
Com caridade subio
Ao lugar que logo alcança,
Justiça com temperança
Na prudencia o primeiro,
No castigo o derradeiro
Esperando a Sugeiçaõ,
Logo chega o pagaõ
A ser Christaõ verdadeiro.

36.

Portugal fica mais nobre
Em todo elle o poder,
E taõbem se hádever
Ficar rico, o que foi pobre,
Aquelle a quem a fé cobre
Firme na Santa Igreja,
Todos lhe teraõ inveja,
Quando virem Portuguezes
Vencendo Turcos, Francezes,
E Moiros, em graõ Peleja.

37.

Dois descendentes que traz
De grande Valor, e Brio,
O Mais velho em Senhoria
Porá a guerra, em Páz,
Verão todos o que faz
De boms na Santa Igreja,
A força lhe tem inveja
A Fortuna, e augmento,
Farà pârto o Sacramento
Oude toda Christaõ seja.

38.

O Pastor mór cedo falta
Seo descendente reinando,
E grande castigo dando
Aos vezinhos de Malta,
Quando Veneza se exalta
De França hé Malográda,
Cauzarà nestapancáda
Entre os seos naturaes,
Seraõ os castigos taes
Que toda seja arrazáda.

Fim da Sexta Parte.

Deacidified using the Bookkeeper pro
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Oct. 2002

PreservationTechnolog

A WORLD LEADER IN PAPER PRESERVA
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 009 960 631 9